

SENADO DEVE APROVAR LOPES NO BC

Há 13 dias como presidente interino do Banco Central, Francisco Lopes tenta hoje conseguir a aprovação dos senadores para ser efetivado no cargo. Apesar do pouco tempo como presidente, Lopes coleciona uma série de fatos históricos na sua gestão. Foi ele quem comandou uma política de câmbio que durou somente dois dias, aumentou os juros, liberou a cotação do real e assistiu a queda da moeda diante do dólar.

Hoje pela manhã, na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (CAE), Lopes receberá uma saraivada de perguntas sobre esses seus atos: que consequências terão, por que a situação chegou a esse ponto e o que o governo pode fazer para evitar uma recessão profunda. Passar pela sabatina na CAE é uma condição para o candidato à presidência do BC poder assumir oficialmente o cargo.

Os prognósticos são de que Lopes terá o aval dos senadores mesmo que não se saia bem nas respostas. Nunca aconteceu de um candidato a presidente do BC ter sido reprovado. O governo tem maioria no Senado e os parlamentares sabem que uma reprovação de Lopes agora iria colocar mais água na fervura da crise.

Apesar disso, a sessão promete momentos de agitação. "De minha parte, o questionamento vai ser para valer. Não vou fazer argüição de mentirinha", diz o senador Jefferson Peres (PSDB-AM). "Chico Lopes diz que tem de dar um tempo para a cotação do real chegar ao equilíbrio, mas isso tem prazo? Parece que o governo não sabe o que fazer", afirma Peres.

CENTRALIZAÇÃO

O senador Roberto Requião (PMDB-PR) compartilha a sensação de que o governo não está sabendo o que fazer e é outro que deve fazer perguntas duras. "A economia está indo para o beleléu. Falta governo. Não tem mais Banco Central. Por que sabatar o Chico Lopes? Eu queria inquirir o Alan Greenspan e o Stanley Fisher", ironiza Requião, referindo-se respectivamente ao presidente do Federal Reserve (o BC americano) e ao vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Um assunto que provavelmente será tratado é a conveniência ou

não de impor mais controles e restrições à saída de dólares. Com o crescimento do debate sobre o assunto, o presidente Fernando Henrique Cardoso, por meio de seu porta-voz Sérgio Amaral, negou que o governo vá adotar a chamada centralização do câmbio.

Com a centralização, todas as operações de troca e remessa de moeda estrangeira no Brasil passariam a ser centralizadas e controladas pelo Banco Central. A burocracia no setor aumentaria e uma série de regras que foram abolidas durante os anos 90, como limites para remessa ao exterior, por exemplo, voltariam a entrar em vigor se a centralização passasse a ser adotada. "Não tem razão para falar em centralização do câmbio quando o País tem US\$ 36 bilhões em reservas", disse Amaral.

RESERVAS

O ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros defendeu publicamente a centralização do câmbio em setembro, depois da crise da Rússia. O objetivo da medida seria evitar a saída de dólares e assim preservar as reservas internacionais e, agora, a cotação do real. Desde o início de setembro, as reservas brasileiras perderam US\$ 30 bilhões.

Lopes é contra a medida. No entendimento do Banco Central, a volta aos tempos de maior controle cambial traria mais prejuízos que benefícios. A possibilidade de restrições à movimentação do dólar poderia afastar de vez os interessados em investir no Brasil. Até mesmo os que investem diretamente em produção. No caso de uma centralização do câmbio como a que existiu no Brasil nos anos 80, até a remessa de lucros e dividendos por multinacionais aos seus países de origem teria limites. Quem não pode movimentar o dinheiro do lucro que obteve no País, pode preferir investir em outro lugar.

Outro argumento do governo é que as reservas internacionais pararam de diminuir desde que o BC adotou o câmbio livre e deixou de vender dólares para segurar a cotação do real. "É preciso entender que a decisão de deixar o câmbio flutuar livremente foi feita justamente para evitar o esgotamento das reservas", disse Sérgio Amaral. (AC)

André Corrêa



Lopes (D) se encontra com ACM: preparação para a sabatina, cujo principal tema deve ser a mudança na política cambial